

# Os artefatos dos *media* na educação em sexualidade

**Sylvia Helena dos Santos Rabello<sup>1</sup>**

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Unesp/Bauru e

CIDTFF– Universidade de Aveiro

**Ana Maria de Andrade Caldeira**

Programa de Pós-Graduação em Educação para Ciência

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Unesp/Bauru

**Filomena Teixeira**

Escola Superior de Educação - Politécnico de Coimbra

CIDTFF – Universidade de Aveiro e

## Resumo:

A Educação em Sexualidade nem sempre encontra espaço privilegiado e abordagem apropriada na escola básica, apesar de sua recomendação pelas autoridades educacionais em países como o Brasil, e de sua obrigatoriedade em outros, como em Portugal. Artefatos de *media* como jornais, revistas, videogames, cinema, televisão, publicidade, internet, rádio, podem se constituir em ferramentas interessantes para o trabalho de temas de sexualidade e gênero na escola, uma vez que não apenas veiculam informações, mas principalmente, atuam na constituição de identidades dos sujeitos que os consomem. Uma vez que esses materiais são utilizados por adolescentes fora da escola, importa trazê-los para a sala de aula e propiciar aos/as estudantes uma problematização das ideias e conteúdos ali veiculados. Neste trabalho apresentamos uma experiência de ensino a partir da utilização de artefatos de *media* desenvolvido no ano de 2010 junto a estudantes do nono ano de escolaridade no Brasil. As reflexões teóricas de fundo se apóiam no campo da Educação em Sexualidade e nas discussões produzidas no âmbito do Projeto “Sexualidade e Gênero no Discurso dos *Media*”, desenvolvido no CIDTFF da Universidade de Aveiro-PT.

## Palavras-chave

Educação em sexualidade, Artefatos dos *media*

## Introdução

O tema “sexualidade e gênero” está presente na escola em seus diversos ambientes, momentos e situações. A escola interfere na construção da sexualidade das/os adolescentes, seja ao promover o contato e a interação entre eles e elas, seja ao incluir conteúdos e desenvolver estratégias de ensino a fim de problematizar posturas, crenças, mitos e tabus. A sua presença também é marcada nas situações em que os/as alunos/as se expressam sobre o assunto, manifestando suas inquietações, e até mesmo quando sua abordagem é recusada e silenciada. Enfim, as questões relativas à sexualidade, o seu ensino e a sua aprendizagem, seja pela via formal e deliberada, seja pela via informal, “estão, queira-se ou não, na escola” (Louro, 1998, p.131).

Sexualidade e gênero são aqui assumidos como construções culturais, para longe das noções biologizantes, essencialistas e deterministas que atribuem às características pessoais relativas aos modos de ser homem e de ser mulher e de viver a sexualidade, explicações pela via da “natureza”.

Segundo a UNESCO (2010), a Educação em Sexualidade é

*uma abordagem apropriada para a idade e culturalmente relevante ao ensino sobre sexo e relacionamentos, fornecendo informações cientificamente corretas, realistas, e sem prejulgamento. A educação em sexualidade fornece oportunidades para explorar os próprios valores e atitudes e para desenvolver habilidades de tomada de decisão, comunicação e redução de riscos em relação a muitos aspectos da sexualidade (v.I, p.2).*

É na escola que, desde tenra idade, as pessoas são preparadas para a fase adulta da vida; é neste local que os/as estudantes passam a maior parte de seu tempo; é no período escolar que as pessoas têm as primeiras experiências relacionadas à sexualidade; a escola possui infraestrutura tanto material como humana, principalmente professores/as, o que a habilita plenamente a atuar na Educação em Sexualidade (UNESCO, 2010).

A inclusão da Educação em Sexualidade em currículos oficiais nem sempre é obrigatória. No Brasil, os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (Brasil, 1998) são referenciais para uma abordagem transversal da sexualidade e gênero desde os anos iniciais de escolaridade. Recentemente, a Resolução Nº 7 do Ministério da Educação, que “fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos” (Brasil, 2010) instituiu que os temas de sexualidade e gênero, dentre outros, “devem permear o desenvolvimento dos conteúdos da base nacional comum e da parte diversificada do currículo” (*idem*, p.5). Em Portugal, a inserção escolar da temática está instituída desde a década de 80 do século XX através da Lei nº 3/84 - Educação Sexual e

Planeamento Familiar e sua obrigatoriedade foi consolidada através da Lei nº 60/2009, regulamentada pela Portaria 196-A/2010 (Teixeira, 2010).

Porém, a questão da Educação em Sexualidade na escola não se resolve apenas sendo recomendada ou tornando-a obrigatória. Silva e Megid-Neto (2006), em pesquisa do estado da arte a partir de teses e dissertações sobre a educação sexual escolar no Brasil, assinalaram o despreparo profissional dos/as docentes para lidar com o tema da sexualidade enquanto componente curricular. Em Portugal, uma pesquisa realizada antes do advento da Lei de 2009 apontou para a necessidade de formação complementar dos/as professores/as para a abordagem de temas de sexualidade e gênero em todos os níveis de escolaridade (Ramiro e Matos, 2008). Schilling, Vianna e Moreira (2009) realizaram uma extensa pesquisa em contextos de educação formal no Brasil, encontrando um razoável número de trabalhos cujo tema era o da sexualidade, porém, o gênero ou não aparecia, ou surgia de modo incipiente.

Apresentamos uma experiência de um curso de Educação em Sexualidade desenvolvido junto a estudantes do nono ano do ensino fundamental no Brasil, no ano de 2010. As seções de aulas se deram no âmbito de um curso regular, especialmente organizado para o trabalho com a temática de sexualidade e gênero. O referido curso também dá suporte a uma investigação em nível de doutorado, em desenvolvimento pela primeira autora, que nele atuou como a professora da turma. A segunda autora orienta o trabalho de pesquisa como um todo. A terceira autora coordena o Projeto “Sexualidade e Gênero no Discurso dos *Media*”, em andamento no CIDTFF da Universidade de Aveiro-PT (onde a primeira autora realizou estágio doutoral no segundo semestre do ano de 2011) e orienta as discussões sobre as possibilidades de incorporação dos materiais de *media* na abordagem de sexualidade e gênero, em nível da formação de professores/as e de alunos/as.

### **Os artefatos dos *media* na educação em sexualidade**

Os materiais provenientes dos *media* constituem-se como pedagogias culturais, pois, mesmo não tendo a função deliberada de ensinar, afetam comportamentos e atitudes e influenciam os processos de transformação das identidades e subjetividades (Silva, 2009). Importa trazer tais materiais para a sala de aula e propiciar aos/às estudantes uma problematização das ideias e conteúdos ali veiculados. No caso das revistas juvenis, por exemplo, estudos mostram que elas atuam nas representações que os/as adolescentes têm sobre sexualidade e gênero, veiculando, com insistência, discursos erotizados e heteronormativos, pautados em estereótipos de gênero, a partir de uma visão binária e estanque dos modos de ser homem e de ser mulher (Teixeira *et al.* 2010; Rabello e Cadeira, 2010). Notícias divulgadas pela imprensa de informação geral podem

representar uma oportunidade de leitura de temas atuais relativos à sexualidade que muitas vezes não são encontrados em textos didáticos. Neste sentido, concordamos com Zanchetta Junior (2010) ao defender o uso de textos midiáticos em contexto escolar – em especial os jornais impressos ou digitais – e ao apostar na possibilidade de se “propiciar situações de leitura que possam ir além da mera recepção de informações atrelada ao consumo, à superficialidade, ao vazio intelectual supostamente provocado pela mídia” (p.299). Também a utilização de artefatos fílmicos em sala de aula se mostra um recurso apropriado para a discussão de temas de Educação em Sexualidade com os/as estudantes, pois,

*a imagem nos constitui, nos constrói, educa nosso olhar, nossas formas de ver e de pensar, de forma que ela passa a ser o ponto central nesses processos na medida em que servem para construir significados que são produzidos em meio a contextos culturais (Ferrari, 2010, p.177).*

Para a abordagem dos temas de sexualidade e gênero junto aos/as estudantes no curso de que trata este trabalho foram utilizados variados artefatos dos *media* produzidos no Brasil.

Para abordar o tema “gênero”, a professora apresentou aos/as estudantes textos e imagens de uma matéria da revista *todateen*<sup>2</sup>, seguido de questões para serem respondidas individualmente. A revista trata a questão das diferenças entre meninos e meninas segundo uma abordagem binária de gênero, enfatizando os aspectos biológicos para as explicações sobre as condutas masculinas e femininas (Rabello e Caldeira, 2010). Na sequência, a professora conduziu a discussão a partir das respostas oferecidas pelos/as estudantes, buscando estimular a reflexão sobre outras possibilidades de se considerar as diferenças de gênero, como aquelas vislumbradas através das lentes da história, da cultura e das relações sociais. Afinal, entendemos, com LOURO (1999), que

*A inscrição dos gêneros - feminino ou masculino - nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com as marcas dessa cultura. As possibilidades da sexualidade - das formas de expressar os desejos e prazeres - também são sempre socialmente estabelecidas e codificadas. As identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade (p. 11).*

O tema do prazer sexual, solicitado pelos/as alunos/as em uma atividade de sondagem de interesses realizada pela professora no início do curso foi abordado a partir de um infográfico veiculado na revista *Mundo Estranho*<sup>3</sup>, intitulado “O que acontece no corpo durante o orgasmo?”. Esta publicação, embora não assuma para qual segmento de público se dirige especificamente, estando incluída pela editora na categoria de revistas “infantis e jovens”<sup>4</sup>, é reconhecida pelos/as próprios/as estudantes como uma revista

mais direcionada ao público masculino adolescente e jovem. A escolha desta revista se deu justamente para buscar incorporar um material que apresentasse uma perspectiva diferente das revistas femininas, estas sim, com uma elevada quantidade de títulos e proposta editorial bastante semelhante. Ao mesmo tempo, as informações relativas ao orgasmo foram complementadas por outros materiais retirados de sítios da web e de livros e artigos científicos da área, pois, como a revista abordava a questão com ênfase na sexualidade masculina, fez-se necessário buscar dados também a respeito do orgasmo feminino.

O tema “virgindade, primeira vez, iniciação sexual” foi introduzido a partir de excertos de uma seção de cartas de leitoras endereçadas à revista *todayteen*<sup>5</sup>, disponibilizada na internet. As cartas das leitoras são sempre dúvidas ou pedidos de conselhos apresentados em forma de perguntas e respondidas por um sexólogo consultor da publicação. A professora iniciou a atividade propondo aos/às estudantes que, organizados em duplas, lessem e discutissem uma pergunta e sua respectiva resposta para, então, abrir a discussão para todo o grupo. Os temas das cartas versavam sobre a primeira relação sexual, com dúvidas sobre hímen, dor, sangramento, possibilidade (ou não) de gravidez, idade ideal para a primeira relação sexual, consequências da perda da virgindade etc. Em seguida, a professora propôs a leitura e discussão do texto “Tabu da virgindade feminina veio com a agricultura, diz cientista”, extraído do *Caderno Ciência* do jornal *Folha de S. Paulo*<sup>6</sup>. A reportagem faz referência à obra de Peter Stearns<sup>7</sup> em que o tabu da virgindade é abordado segundo uma visão histórica e cultural, mencionando desde a religião até o desenvolvimento das cidades e sua influência sobre a sexualidade. O conjunto de atividades permitiu, como esperado, que os/as alunos/as manifestassem suas próprias dúvidas e representações acerca do tema da virgindade, relacionando-o a aspectos mais amplos, para além das questões de foro íntimo recorrentemente relacionadas ao tema.

O filme do tipo documentário *Meninas*<sup>8</sup> foi utilizado como disparador das discussões sobre o tema “gravidez”. A partir do acompanhamento ao longo de um ano do cotidiano de três raparigas grávidas e seus respectivos parceiros, moradoras/es de favelas do Rio de Janeiro/Brasil, o filme mostra as alegrias e as dificuldades da maternidade e da paternidade durante a adolescência. Também foram discutidas outras situações envolvendo a gravidez com apoio em textos e reportagens de jornal, revista para adolescentes e sítios da internet. Da revista para adolescentes *Capricho*<sup>9</sup> foi utilizada a reportagem “Meninas mães”, que dá voz às histórias de quatro raparigas de classe média que se tornaram mães durante a adolescência. A partir da reportagem “Mamãe é Down”, publicada na revista semanal de informação geral *Época*<sup>10</sup>, foi abordado o tema da gravidez em adolescentes com deficiência, discutindo aspectos relativos aos direitos sexuais e reprodutivos, buscando desestabilizar crenças errôneas e preconceituosas, bastante comuns nesse domínio (Maia e Ribeiro, 2010). Uma notícia do jornal digital *Folha on line*<sup>11</sup> trouxe à tona a discussão da

---

gravidez de uma criança vítima de estupro. Também não foi esquecida a situação, cada vez mais atual, da gravidez em pessoas maduras, que foi trabalhada a partir da matéria “Mulheres contam como é ser mãe depois dos 50 anos”, publicada no jornal impresso *Folha de S. Paulo*<sup>12</sup>. A professora solicitou aos/às alunos/as que discutissem, em duplas, e depois junto ao grupo todo, as semelhanças e diferenças entre os casos, identificando as peculiaridades de cada situação, o que permitiu uma reflexão não apenas sobre a questão da prevenção, mas, sobretudo, quanto aos direitos sexuais e reprodutivos, favorecendo, ainda, a identificação de situações passíveis de preconceito e discriminação.

Com o objetivo de discutir aspectos relacionados à infecção pelo VIH/SIDA, analisar os aspectos epidemiológicos, bem como as formas de prevenção, considerando ainda a perspectiva de adolescentes e jovens que vivem com o vírus VIH foram utilizados dois tipos de artefatos: um material produzido pelo Ministério da Saúde<sup>13</sup> para divulgação através dos *media* e duas reportagens do *Caderno Folhateen* do jornal *Folha de S. Paulo*<sup>14</sup>, versão impressa. O material institucional do Ministério da Saúde aborda os números da SIDA no Brasil, especialmente quanto aos casos novos que, em termos proporcionais, vêm crescendo entre meninas de 13 a 19 anos e entre homens que fazem sexo com homens, na faixa etária dos 13 aos 24 anos de idade. Este material busca veicular uma mensagem de combate aos estereótipos, ao preconceito e à discriminação das pessoas que vivem com o VIH. A primeira reportagem do *Caderno Folhateen* da *Folha de S. Paulo* focaliza histórias de jovens que contraíram o VIH pela via sexual. Também são apresentados casos de pessoas que adquiriram o vírus por transmissão vertical (mãe para filho/a). A segunda reportagem aborda a necessidade do uso de preservativo para a prática de sexo oral, assunto muito pouco divulgado e debatido pelos *media* e também pela escola. A aula propiciou discussões a respeito das formas de transmissão do VIH, números e tendências da epidemia, imunidade e doença, vacina, direitos humanos, direitos sexuais e direitos reprodutivos – riscos e possibilidades de gravidez por pessoas portadoras de VIH, políticas públicas e campanhas oficiais de prevenção, sexo seguro, meios de prevenção, testagem compulsória da população, preconceito para com portadores/as do VIH, direito à intimidade e à privacidade.

### Considerações finais

O uso de artefatos dos *media* utilizados nas aulas de um curso de Educação em Sexualidade para estudantes adolescentes do nono ano de escolaridade mostrou-se adequado, pois, além de propiciar a abordagem de temas atuais e de interesse dos/as estudantes, permitiu a problematização dos discursos que veiculam, visando contribuir para a reflexão sobre questões relacionadas à sexualidade e ao gênero em contextos de educação sexual formal. Acreditamos na potencialidade desses materiais também

para situações em que o trabalho em Educação em Sexualidade se organize de maneira transversal, seja em aulas de Educação para a Saúde, seja nas dos demais componentes curriculares tais como História, Ciências, Biologia, Língua Portuguesa, Educação Cívica, entre outras.

## **Bibliografia**

- Brasil.Secretaria de Educação Fundamental (1998). *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais*. Brasília: MEC/SEF.
- Brasil. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica (2011). *Resolução Nº 7, de 14 de dezembro de 2010*. Fixa Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos. Consultado em 12 de abril [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=14906&Itemid=866](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=14906&Itemid=866)
- Ferrari, A. (2010). Pra que time ele joga? Cultura visual e educação: contribuições para o trabalho com as homossexualidades. In *XV seminário acadêmico APEC América Latina: diálogos posibles. Actas del XV seminario académico APEC América Latina: diálogos posibles* (pp. 173-180). Barcelona: Creative Commons.
- Louro, G. L. (1998). *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalist* ( 2ª ed.). Petrópolis-RJ: Vozes.
- Louro, G. L. (1999). Pedagogias da sexualidade. In G. L. Louro (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Maia, A. C. B. & Ribeiro, P. R. M. (2010). Desfazendo mitos para minimizar o preconceito sobre a sexualidade de pessoas com deficiências. *Rev. bras. educ. espec.* [online], 16 (2), 159-176.
- Rabello, S. H. dos S. & Caldeira, A. M. de A. (2010). Gênero, pedagogias culturais e educação sexual: a questão das diferenças entre meninos e meninas. In F. Teixeira, [et al.] (Orgs.). *Sexualidade e educação sexual: políticas educativas, investigações e práticas* (pp. 297-302) (E-book). Braga: CIEd – Centro de Investigação em Educação, Universidade do Minho.
- Ramiro, L. & Matos, M. G. (2008). Percepções de professores portugueses sobre educação sexual. *Rev. Saúde Pública* [online], 42 (4), 684-692.
- Schilling, F.; Vianna, C. & Moreira, M. de F. S. (2009). Gênero, sexualidade e educação formal no Brasil: um olhar sobre a produção acadêmica entre 1990 e 2006. In: *Reunião da Associação de Estudos Latino-Americanos (LASA)*, Rio de Janeiro.
- Silva, T. T. (2009). *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. (3ª ed.). Belo Horizonte: Autêntica.

- Silva, R. C. P. & Megid-Neto, J. (2006). Formação de professores e educadores para abordagem da educação sexual na escola: o que mostram as pesquisas. *Ciência & Educação*, 12 (2), 185-197.
- Teixeira, F. (2010). Educação em sexualidade e formação de professores/as. In F. Teixeira, [et al.] (Orgs.) *Sexualidade e Educação Sexual: políticas educativas, investigações e práticas* (pp. 315-319) (E-book). Braga: CIEd – Centro de Investigação em Educação, Universidade do Minho.
- Teixeira, F.; Marques, F. M.; Sá, P.; Vilar-Correia, M. R.; Couceiro, F.; Folhas, D.; Portugal, S.; Silva, I. V.; Cardoso, S.; Vilaça, T.; Frias, A. & Lopes, P. (2010). Sexualidade e género nas revistas juvenis: o caso da Bravo. In F. Teixeira, [et al.] (Orgs.) *Sexualidade e educação sexual: políticas educativas, investigações e práticas* (pp.285-291) (E-book). Braga: CIEd – Centro de Investigação em Educação, Universidade do Minho.
- UNESCO (2010). *Orientação técnica internacional sobre educação em sexualidade: uma abordagem baseada em evidências para escolas, professores e educadores em saúde*. v.1. Razões a favor da educação em sexualidade. UNESCO. Consultado em 24 de nov. de 2010, <http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001832/183281por.pdf>.
- Zanchetta Junior, J. (2010). Circulação de textos midiáticos entre alunos de escola pública básica. *Educ. Pesqui.* [online], 36 (1), 297-310.

## Notas

- 1 Bolsista do Programa Institucional de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE) - Capes/Brasil.
- 2 Revista *todateen*, edição nº 166, setembro de 2009
- 3 Revista Mundo Estranho, edição nº 54, agosto de 2006.
- 4 Ver: <https://www.assine.abril.com.br/portal/categoriasDestaquesRevista!listarCategoria.action?codCategoria=44&codCampanha=A727>. Acesso em 20 set. 2011.
- 5 Revista *todateen* - Seção - A gente te ajuda com as dúvidas sobre sexo!-. Disponível em: [www.todateen.uol.com.br](http://www.todateen.uol.com.br). Acesso em: 18 out. 2010.
- 6 Folha de S. Paulo – Caderno Ciência, 12 de setembro de 2010.
- 7 STEARNS, Peter N. **Historia da Sexualidade**. São Paulo: Contexto, 2010.
- 8 Meninas. Direção Sandra Werneck. 71 minutos. Brasil, 2006.
- 9 Revista Capricho, edição nº 1097, maio de 2010.
- 10 Revista Época, edição nº 538, 08 de setembro de 2008.



- 11 Jornal Folha *on line*, 07 de julho de 2006.
- 12 Folha de S. Paulo – Caderno Cotidiano, 30 de julho de 2006.
- 13 Brasil, Ministério da Saúde. Dia mundial de luta contra a AIDS, 01 de dezembro de 2010. Disponível em: [http://www.aids.gov.br/sites/default/files/story/2010/greco\\_apresentacao\\_pdf\\_30635.pdf](http://www.aids.gov.br/sites/default/files/story/2010/greco_apresentacao_pdf_30635.pdf). Acesso em: 06 dez. 2010.
- 14 Folha de S. Paulo – Caderno *Folhateen*, 29 de novembro de 2010.

### **Correspondência**

#### **Sylvia Helena dos Santos Rabello**

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Unesp/Bauru e  
rabellosylvia@gmail.com

#### **Ana Maria de Andrade Caldeira**

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Unesp/Bauru  
anacaldeira@fc.unesp.br

#### **Filomena Teixeira**

Escola Superior de Educação  
Praça Heróis do Ultramar – Solum  
3030-329 Coimbra  
filomena@esec.pt

